

# Revista Filosófica de Coimbra

---

VOL. 2 • N.º 3 • MARÇO 93

---

MIGUEL BAPTISTA PEREIRA - *Modernidade, Racismo e Ética Pós-Convencional*

ANTÓNIO MANUEL MARTINS - *Incomensurabilidade e Holismo em T. S. Kuhn*

J. ENCARNAÇÃO REIS - *A Função do Estético*

EDMUNDO BALSEMÃO PIRES - *Categorias e Semiosis. Notas introdutórias ao Pensamento do individual em Ch. S. Peirce*

FERNANDO RAMOS - *A Ontologia Personalista de M. Nédoncelle*

## RECENSÕES

*Wittgenstein in Florida. Proceedings of the Colloquium on the Philosophy of Ludwig Wittgenstein, Florida State University, 7-8 August 1989.* Edited by J. Hintikka. (Dordrecht/Boston/London: Kluwer, 1991)

Jaakko Hintikka, o conhecido estudioso dos textos wittgensteinianos, aparece, agora, como responsável pela edição desta colectânea que reúne, para além de um conjunto de artigos apresentados no Colóqui sobre a filosofia de L. Wittgenstein, realizado pelo Departamento de Filosofia da Florida State University, em Abril de 1989, a primeira publicação em língua inglesa de um importante excerto do famoso *The Big Typescript* daquele pensador, intitulado "Philosophy", em tradução de C.G. Luckhard e M.A.A. Aue. Não sendo este último totalmente inédito, poi parte fora já integrada por Rush Rhees em *Philosophical Grammar* e as notas esparsas sobre filosofia que aparecem nas *Investigações Filosóficas* repetem muito do que aí fora escrito, trata-se, todavia, de um dos mais interessantes textos do vasto espólio literário de L. Wittgenstein que, tal como se diz na *Nota Editorial*, nos surpreende, quer pela sua organização convencional em capítulos e secções, quer pelo valor do seu conteúdo, que expõe, de modo contínuo, um conjunto de reflexões acerca daquele mesmo tema.

Não deixa de ser significativa a sua presença nesta colectânea, onde se regista, na maior parte dos seus artigos, a instante urgência de publicação do *Nachlass* de Wittgenstein, como principal condição necessária do entendimento mais aprofundado e correcto do exercício de pensamento deste filósofo. Fica-se, pois, grato por esta iniciativa esperando que ela frutifique noutras semelhantes e os estudiosos de Wittgenstein possam, de futuro, contar com uma perspectiva mais justa dos seus escritos, não viciada pelas selecções e escolhas, muitas vezes arbitrárias, dos seus executores literários.

No que respeita aos restantes artigos, seriam-se em dois grandes grupos, de acordo com a natureza das temáticas. Pode-se dizer que ao primeiro grupo pertencem os que se ocupam das questões lógico-matemáticas e, ao segundo, os que se orientam para as questões da filosofia da mente e das ciências humanas - muito embora a problemática da linguagem atravesse transversalmente todos eles.

E porque, de um modo geral, os subscritores destes textos pensam no interior da referência do conjunto dos escritos de Wittgenstein ainda não acessíveis ao grande público, são de relevância maior as interpretações aqui apresentadas pela visão mais alargada de conjunto de que beneficiam.

Passaremos, seguidamente, a apresentar cada um dos artigos, segundo a ordem da sua posição na topologia da colectânea, dizendo alguma coisa sobre o valor dos seus argumentos de acordo com a apreciação que deles fazemos.

O artigo assinado por Burton Dreben e Juliet Floyd, *Tautology: How not to use a Word*, é um texto bem humorado, à boa maneira anglo-saxónica - sem que, por isso, a objectividade e o rigor dos conceitos sejam afectados - e cuja intenção, tal com se define nas palavras dos seus autores, é debater o que chamam de "delitos" (linguísticos) de Russell, Ramsey e C.I. Lewis, ironizando a propósito da grave acusação de que o primeiro foi alvo por parte deste último só por ter aceite escrever a introdução do *Tractatus* (such nonsense!). Lewis penitenciar-se-ia de tal desmando, nove anos depois, ao prestar a devida homenagem ao pensador austríaco pelo seu notável contributo para a verdadeira compreensão da natureza da lógica. Só que, ao fazê-lo, contribuiu para a desventura de um destino que parece condenar a palavra "tautologia" a uma errância sem solução... a não ser que se mude de linguagem - proposta com que o artigo finaliza. É, pois, a esta luz que B. Dreben e J. Floyd descrevem a trajectória histórica da triplíce relação "princípio de identidade/juzo analítico/tautologia" e o modo como esta opera ao estabelecer os critérios que definem os âmbitos respectivos da lógica e da matemática. Mas é sobretudo para o modo como se processa a recepção da tese do *Tractatus*, segundo a qual as proposições lógicas são por natureza tautológicas, que os autores do artigo pretendem chamar a atenção. O facto é que não só Russell, mas também Carnap, Ramsey e Lewis aplicaram o termo "tautologia" para a verdade lógica, muito embora, todos eles recusassem as teses básicas de Wittgenstein e, de um modo geral, não justificassem, argumentativamente, a razão da sua aplicação do termo, a não ser por citações referenciais pouco significativas.

O artigo termina com uma amostra de definições filosóficas das palavras "analítico", "tautológico", "tautologia" e "analiticidade" transcritas das mais recentes edições de conceituados dicionários tendente a revelar a conseqüente desorientação relativamente aos significado destas palavras, se não o seu quase esvaziamento de sentido.

*The Philosophy of Logical Wholism*, assinado por David Charles McCarty, é uma crítica acutilante e contundente, sem deixar de ser controversa (ou mesmo por isso), às interpretações atomistas do *Tractatus*, sobretudo à sua configuração no texto de Merrill e Jakko Hintikka, *Investigating Wittgenstein* (1986). Caracterizando a quadripartida constelação atomista, *semântica, ontológica, epistemológica e formal*, que pretende desmontar (sobretudo nos dois primeiros aspectos), o autor contrapõe-lhes uma irreductível e inconciliável interpretação do *Tractatus* que designa de *holismo lógico*, segundo o qual o mundo, "no-espaço-lógico", não é construído a partir de objectos, mas estes são antes abstraídos daquele. O grande equívoco, que denuncia como subjazendo às interpretações atomistas, é o pressuposto da pretensa herança humeano-empirista do autor do *Tractatus* e a errónea ilusão de que nele se prolongam as investigações lógico-matemáticas de Frege e Russell. De um modo geral, essas leituras, diz, desconhecem a novidade e a especificidade do conteúdo tractatiano, ao pretenderem associá-lo à produção do pensamento analítico contemporâneo, no qual D.C. McCarty não reconhece marcas wittgensteinianas. Estamos, pois, perante um texto interessante, de leitura agradável, denso e surpreendente pelo que ousa propor.

O artigo de Steve Gerrad, *Wittgenstein's Philosophies of Mathematics*, parece-nos ser um trabalho convincente, cujo objectivo é chamar a atenção dos intérpretes de Wittgenstein, mais vocacionados para as questões da filosofia da matemática, para a existência, neste âmbito, de duas concepções distintas, que se intercalam entre o *Tractatus* e as *Investigações Filosóficas*. Designando-as de "calculus conception" e "the language-game conception", o autor não pretende, ao distingui-las e caracterizá-las, testar a sua justeza e validade mas antes mostrar como na sua diferença elas derivam de uma mesma motivação. É sua intenção, conseqüentemente, questionar a tendência generalizada para pensar "que o verdadeiro critério de verdade das nossas proposições matemáticas é a

natureza de uma realidade matemática independente da nossa prática e da nossa linguagem e que as nossas demonstrações [neste domínio] apenas estão orientadas nessa direcção". A esta tendência que associa ao agustinismo no domínio da linguagem, chama-lhe o autor "Hardyan Picture", referindo-o deste modo a um conhecido matemático de Cambridge, G.H. Hardy com o qual o próprio Wittgenstein chega mesmo a identificá-lo, nas lições sobre os fundamentos da matemática de 1939.

O texto debruça-se de modo mais longo e detalhado sobre a "calculus conception" - que também designa de concepção transitória - uma vez que considera não ter merecido ainda dos intérpretes a devida atenção.

O interesse particular do artigo de Juliet Floyd, *Wittgenstein on 2,2,2...: The Opening of Remarks on the Foundations of Mathematics*, é o esforço verdadeiramente notável e bastante consistente de exegese das três primeiras secções daquela obra, na procura da dinâmica interna ao debate que opõe Wittgenstein ao seu pressuposto interlocutor. Este exercício hermenêutico legitima-se pelo próprio carácter dialéctico do método wittgensteiniano, que a autora considera ser parte essencial do conteúdo da própria reflexão, consistindo numa encenação do movimento interior às inquietações filosóficas. Nesta espécie de dramaturgia, acontece um desnudamento do que está na origem de determinadas respostas filosóficas e do tipo de necessidade que as procura. Este movimento, no entender de J. Floyd, desloca "a profundidade" e o "carácter impressionante da filosofia" do conteúdo ou teor das respostas para a "natureza e carácter das próprias questões", remetendo para uma questionabilidade sem limite antecipável, o pseudo carácter bem fundado das nossas certezas e evidências aparentemente as mais fiáveis.

E, se o que predomina nas *Remarks on the Foundations of Mathematics*, é a dimensão negativa das suas respostas, por certo que, nesta perspectiva, isso não é de significado menor. Todo o texto, enquanto exercício, é modelar nas suas propostas e estimulante para um posicionamento fecundo na relação com os textos de Wittgenstein.

O artigo de J. Hintikka, *An Impatient Man and his Papers*, abre a segunda parte da colectânea. Contrariamente àquilo que o seu título nos levaria a pressupor, não se trata de mais um texto a acrescentar à já razoável lista de memórias, que, de modo mais ou menos interessante, traçam o perfil psicológico de L. Wittgenstein. Partindo, sim, de um aspecto muito característico da personalidade deste pensador, colhido sobretudo no relato biográfico de Fânia Pascal ("Wittgenstein: a personal Memoir" in Rhees(1981)) e que ela assinala como uma acentuada dificuldade em aquele se situar no "ponto-de-vista-do-outro" - o qual deixaria profundas marcas no modo como elabora e escreve os seus textos, omitindo as questões que discute, os problemas para que procura resposta e mesmo o horizonte teórico que as envolve - J. Hintikka apresenta as razões da urgência de uma edição crítica do vasto *Nachlass* daquele pensador, já catalogado por G.H. von Wright. O reconhecimento da quase impossibilidade de um tratamento em profundidade da obra publicada, sem os testemunhos mais esclarecedores dos seus cadernos de notas (manuscritos ou dactilografados) bem como as suspeitas sobre o carácter "último" do conteúdo publicado nas *Investigações*, valem como suportes consideráveis que legitimam essa urgência. O texto de J. Hintikka, historiando as "desventuras" dos diversos projectos de disponibilização do *Nachlass*, através de um processamento computadorizado do texto (o de 1975: Wittgenstein - Archiv Tübingen; o de 1981: do Fonds zur Förderung der wissenschaftlichen Forschung, da Áustria; o norueguês de 1988, relatado por C. Huitfeldt e V. Rossvaer em *The Norwegian Wittgenstein Project Report 1988*) é uma crítica muito severa não só contra quem tem estado à frente destes projectos - sobretudo os dois primeiros - bem como contra os executores literários de Wittgenstein sobre os quais lança algumas graves suspeitas no que concerne às ocultas motivações das suas atitudes.

Muito embora David Stern discuta, no seu artigo, *The 'middle Wittgenstein': from logical atomism to practical holism*, a validade da repartição da obra de Wittgenstein por dois períodos distintos e aponte os riscos a que ficamos expostos ao admitir semelhante classificação, metodologicamente aceita-a, interpondo entre os dois momentos da obra um terceiro que, obviamente, considera de "intermédio", o qual permitirá uma visão global dos textos, desvelando a unidade profunda da sua dinâmica. A leitura que desse movimento, neste artigo, o autor nos deixa, articula o inicial "atomismo lógico" do *Tractatus* ao "holismo prático" das *Investigações Filosóficas*, através da ponte do "holismo lógico", exposto nos textos intermédios, unindo, assim, as duas margens, inicialmente divisadas na sua oposição. A conexão entre a doutrina do *Tractatus* e as posições das *Investigações* flui da implícita pressuposição de uma linguagem originária privada, concebida como o processo simbólico interno ao pensamento que garantiria a linguagem pública a sua significação (*Tractatus*) até à assunção da possibilidade de uma linguagem fenomenológica (último nível da análise da linguagem ordinária), para, finalmente, confluir na constatação da sua impossibilidade e no reconhecimento final da contextualidade do sentido, sempre referido aos jogos de linguagem e à sua inserção no horizonte último das formas de vida. Na abertura deste percurso, posicionar-se-ia a interrogação instantânea que pergunta "por aquilo em que consiste o seguir uma regra" na total diversidade dos modos derivados, que abrangem problemas tão fundamentais como os da compreensão e interpretação.

Trata-se de um texto inteligente, de leitura fácil e agradável e que ajuda, de modo convincente, a esclarecer a fonte de onde emanam algumas das principais questões com que Wittgenstein se preocupou ao longo do seu magistério.

Um estudo detalhado e profundamente esclarecedor de uma das mais interessantes questões - e nem sempre bem entendida - com que Wittgenstein se confrontou, só possível mercê de uma leitura muito cuidada e atenta do *Nachlass*, apresenta-se no artigo de M.R.M. Ter Hark, *The development of Wittgenstein's views about the other minds problem*. O autor, de modo muito pedagógico, oferece-nos uma perspectiva faseada da evolução do pensamento de Wittgenstein, no que respeita à análise do iso dos conceitos psicológicos relativos quer à primeira quer à terceira pessoa, desde o seu aparecimento no cap. VI das *Philosophical Remarks* até aos últimos escritos pouco antes da sua morte. Distingue, assim, três fases que se caracterizam não só por cada uma delas se constituir como uma posição crítica da anterior, mas também, positivamente, por uma evolução que poderíamos designar de alteração de estatuto do questionado. Desse modo, enquanto a referida análise se situa a um nível inicialmente "epistemológico" e a questão é a da maturação do conhecimento e validação das proposições psicológicas, nas fases seguintes, o seu reposicionamento instalar-se-á na dimensão "lógico-gramatical", instaurada pelos diversos jogos de linguagem. No quadro desenhado por este travejamento, Wittgenstein teria perfilhado, em princípio, teses idênticas às de W. James e B. Russell, quer quanto ao conhecimento directo da experiência interna, quer quanto à não existência de um sujeito metafísico, e estaria muito próximo, se não mesmo em total concordância, com o "behaviourismo lógico" de Carnap, no que respeita ao conhecimento psicológico na terceira pessoa. Num segundo período, entre 1933 e 1938, reformulará, sobretudo, as suas primeiras posições relativamente às análises repetantes à primeira pessoa, abandonando definitivamente o quadro epistemológico inicial. Silenciará, todavia, a problemática concernente às outras mentes, que só regressará, e em força, a partir de 1941, principalmente nos textos dos dois últimos anos, escritos entre 1949 e 1951, quando abandona definitivamente o behaviourismo carnapiano. Nesta última fase, introduzirá, na âmbito "lógico-gramatical" referido, dos jogos de linguagem, formas de vida e primado da prática, a discussão, superadora do dualismo epistemológico: introspecção/behaviour,

da noção "Einstellung zur Seele" e do diferente estatuto da certeza que lhe corresponde, questionando a possibilidade da "simulação" que conduzirá a uma compreensão mais aprofundada do seu significado. Este artigo de T. Hark é uma exposição analítica, bem apoiada em textos, cujo alcance ultrapassa os limites traçados pela temática, o que sempre acontece quando se ilumina o hermetismo dos escritos de Wittgenstein.

Em "*Philosophy in the Big Typescript: Philosophy as Trivial*" C. Grant Luckhardt analisa, à luz das secções agora publicadas daquele texto, as respostas que as *Investigações Filosóficas* parecem dar a três questões que o autor lhes coloca: 1) O que pensava (Wittgenstein) do estatuto e da importância das teses da filosofia tradicional?; 2) O que pensava do estatuto e da importância da filosofia crítica wittgensteiniana (i. é, a filosofia que é crítica de 1)?; 3) O que pensava restar para a filosofia - se ainda algo restava - uma vez que mostrava serem as teses da filosofia ou falsas, ou confusas, ou sem sentido? O autor corrigirá a possibilidade de uma leitura excessivamente nihilista das notas dispersas nas *Investigações Filosóficas* sobre estas questões, recorrendo ao contexto em que as mesmas se encontram no *Big Typescript*, de onde a sua quase totalidade foram retiradas. Antecipa críticas e justifica a sua metodologia. A integração das observações esparsas nos seus contextos permitirá entender que Wittgenstein soube avaliar a tarefa filosófica como actividade de alto valor intrínseco. Consequentemente, Luckhardt insiste na interpretação das apreciações que poderiam ser entendidas de modo pejorativo mostrando a bivalência da sua aplicação pois que elas recaem, inclusive, sobre o próprio trabalho de Wittgenstein. Fazendo isto, Luckhardt foca aqueles passos em que se ilumina a origem do "mal" filosófico comum e daí parte para a recolha das diversas técnicas terapêuticas sugeridas no *Big Typescript*. Mas, fundamentalmente, procura pôr em relevo o alto significado de que se reveste o filosofar ao "chamar a atenção e resolver as injustiças da filosofia, sem acrescentar novas partes - e crenças", porque, sendo "difícil não exagerar", repor todo o equacionamento filosófico em termos de evitar todos os "ismos", é algo altamente desejável por si, para todos aqueles que têm um compromisso com a verdade. Final positivo, para um texto altamente positivo, que esta colectânea sinceramente merecia ao incluir a 1ª edição do excerto indicado do *Big Typescript*.

Num relativamente curto mas denso artigo, "*Wittgenstein's account of rule follow*", David Pears trata uma das mais difíceis e provocadoras questões dos últimos escritos de Wittgenstein. Reconhecendo, muito embora, a disparidade das interpretações respeitantes ao ponto de partida (o questionado na questão) e ao ponto de chegada (a solução ou soluções oferecidas) Pears propõe-se somente sugerir uma "tese geral", visando, justamente, estas interpretações e recusando-se a acrescentar mais uma às já conhecidas. Num roteiro que percorre aquilo que considera ser as duas ideias dominantes subjacentes à problemática enunciada no título e mostrando como, em conjunto, elas dão à última filosofia da linguagem de Wittgenstein uma unidade que pode sugerir a falsa ideia de que ele está a construir uma teoria, o autor opta por uma visão genética da problemática encontrando-a criticamente na "teoria dos nomes" do *Tractatus* e na "lógica da representação pictórica" que a suporta. A distinção entre "dizer e mostrar" cobrindo dicotomicamente o "dizível" e as "condições de dizibilidade" responde satisfatoriamente ao problema de Wittgenstein, ao tempo, principalmente interessado em resolver os problemas lógicos relativos à sua concepção analítica da linguagem. Sequentemente a nova perspectiva a partir da qual Wittgenstein reequacionará as posições anteriormente assumidas, obriga-lo-á a trazer para o centro da sua investigação a questão de saber o que realmente nós fazemos quando aplicamos palavras às coisas. Prosseguindo as suas observações através dos textos ditos "intermédios", lições de Cambridge entre 1930-32 e *Caderno Azul*, D. Pears procura, então, discernir o "conteúdo negativo" e o "conteúdo

positivo" da discussão em causa. Se é fácil reconhecer - segundo ele - um cartesianismo muito genérico, no que ao primeiro destes aspectos respeita, considera mais difícil, todavia, a identificação do segundo. A inegável tarefa com que Wittgenstein se debate é - em sua opinião - a de explicar os "critérios de identidade das regras linguísticas". E aí - pensa - Wittgenstein torna-se responsável pela tendência de alguns críticos em procurar encontrar uma unidade teórica, onde ela não está, quando sugere uma "possível teoria científica" para a investigação dos "critérios de identidade", fronteira, todavia, que ele nunca chegará a ultrapassar. Assim, Pears, reconhecendo o tratamento pluralista que Wittgenstein deu aos critérios de identidade da regra, propõe, em confronto com a primeira teoria semântica daquele que estaremos, agora, perante "uma aplicação holística do seu conceito originalmente atomista de *mostrar*". O artigo termina com um conjunto de observações acerca da problemática conexa da "imunidade ao erro", do tipo de performances que a pressupõem, das dificuldades que lhe são inerentes e das razões que têm levado os vários intérpretes a subestimar estas dificuldades. Trata-se de um texto de alto interesse e extremamente fecundo para a leitura compreensiva das *Investigações Filosóficas*.

Neste pequeno e muito bem estruturado artigo, "*Wittgenstein and Mad Pain*", Michael Lee aplica um breve exercício de terapia wittgensteiniana não tanto à "teoria materialista da mente" de David Lewis quanto à hipótese admitida por este de alguém que experimenta dor, num contexto relacional de causa/efeito, totalmente diferente dos habituais. O valor do exercício consiste não só em mostrar o sem-sentido da hipótese de Lewis - que desmonta com rigor e habilmente - como ainda, pela aplicação, em permitir realçar a justeza das observações de Wittgenstein neste domínio. Para reter: a sugestão do autor da necessidade de sujeitar a um mesmo tratamento muito do que hoje se escreve no âmbito da Filosofia da Psicologia.

Interessante é notar que o que Kent Linville e Merrill Ring nos apresentam em "*Moore's Paradox revisited*" é, também, uma "aplicação" das considerações dos últimos escritos de Wittgenstein às soluções de tradicionais problemas filosóficos: No caso presente, os autores propõem-se dissolver o conhecido paradoxo de Moore, na discussão do qual se encontram temas fundamentais de epistemologia e da filosofia da linguagem, mostrando como os pressupostos logico-linguísticos em que aquele, aparentemente, assenta resultam de uma incompreensão do estatuto real das "proposições de crença" e de todas aquelas que incluem "verbos epistémicos". A análise destes pressupostos procura genericamente a sua filiação filosófica e é suportada por uma razoável exemplificação do seu posicionamento actual. Mas, quanto a nós, o seu particular interesse reside, principalmente, no gesto de "testar" a fecundidade do pensamento de Wittgenstein na contemporaneidade, ao prosseguir a sua intenção terapêutica.

A concluir este conjunto de textos, de inegável valor, T. R. Schatzki propõe-se tratar, no artigo intitulado "*Elements of a Wittgensteinian Philosophy of the Human Sciences*" (311-329), as concepções de W. neste domínio. Reconhecendo não abundarem nos escritos do filósofo austríaco referências directas a esta problemática, pretende, todavia, recolher os elementos esparsos e produzir uma síntese que relacione temáticas esclarecedoras para a questão em debate. Nesta leitura, contrapõem-se dois tipos de investigação nas ciências humanas: um de carácter interpretativo-hermenêutico e outro, mais sistémico, teórico-causal. Sem se negar que Wittgenstein aceitasse este segundo tipo de abordagem realça-se e justifica-se a sua clara e decidida preferência por uma apreensão compreensiva do "espírito" (*Geist*) dos fenómenos humanos. Bem apoiado na análise de noções-chave como a de "superfície da vida humana", "expressão", "regra", para citar apenas as principais, o autor prepara os argumentos fundamentais que lhe permitem criticar o tratamento dado por Winch à mesma temática e, ao mesmo tempo, aproximar as posições de Wittgenstein

das que K. Mannheim rotulara de "conservative thought", de que foi herdeira a *Lebensphilosophie*, cuja influência o autor do *Tractatus* recebeu através de Spengler.

Nem sempre convincente, sobretudo, no que respeita a oscilações no entendimento dos "estados e processos mentais", cujo estatuto não fica claramente definido, trata-se, todavia, de um estudo a todos os títulos recomendável pelo destaque e tratamento de temáticas, que, muitas vezes, os intérpretes de Wittgenstein pura e simplesmente não tomam em consideração e que se revelam de importância primordial para uma compreensão aprofundada dos seus objectivos.

Marina Ramos Themudo

RAMSEY, Frank Plumpton. *On Truth*. Original Manuscript Materials (1927-1929) from the Ramsey Collection at the University of Pittsburgh edited by Nicholas Rescher and Ulrich Majer. (Episteme, vol. 16). Dordrecht/Boston/London: Kluwer Academic Publishers, 1991. XXI + 129 pgs.

O manuscrito *On truth* é, porventura, o texto inédito mais importante da Ramsey Collection. R. B. Braithwaite, o editor dos escritos de Ramsey, publicados pouco depois da sua morte (Janeiro de 1930), não o incluiu na colectânea a que deu o título *The Foundations of Mathematics and other Logical Essays* por considerar que Ramsey tinha ficado muito descontente com o manuscrito e, por conseguinte, seria de todo inadequado publicá-lo. Hoje podemos ter uma opinião diferente quanto ao valor intrínseco do material do manuscrito *On Truth* e o facto de estar inacabado não constitui um obstáculo suficientemente grande que justifique privar os leitores interessados na obra de Ramsey e na história do movimento analítico da leitura deste texto. Neste sentido, é de louvar a iniciativa de N. Rescher e U. Majer ao proporcionarem ao leitor interessado o acesso a um texto que pode lançar nova luz não só sobre alguns aspectos do pensamento de F. P. Ramsey como sobre determinadas controvérsias filosóficas dentro das correntes do pensamento britânico dos começos do século XX. Entre estas destaca-se a polémica com os defensores da teoria da verdade como coerência no chamado idealismo britânico designadamente F. H. Bradley e H. H. Joachim. De acordo com a informação dos editores, o manuscrito *On Truth* teria sido redigido no período entre 1927-1929 e faria parte de um projecto anterior mais vasto e ambicioso *On Truth and Probability* que incluiria precisamente um texto *Sobre a verdade* e um tratado de *Lógica*. O apêndice B da Introdução do Editor apresenta um quadro dos sucessivos índices dos esboços de Ramsey para aquele projecto (xx-xxi).

No texto *On Truth*, agora publicado, Ramsey defende, tal como em "Facts and Propositions", a teoria da redundância da verdade: "É verdade que César foi assassinado" significa apenas que César foi assassinado. Por outras palavras, Ramsey defende que, em rigor, não há nenhum problema da verdade mas apenas uma confusão linguística ("linguistic muddle"). Não é aqui o lugar de explicitar a posição de Ramsey em "Facts and propositions" bem como a sua enorme influência quer entre os que de uma forma ou de outra adoptaram a sua posição relativamente a esta matéria como é o caso de A. J. Ayer, entre outros, quer entre os que reagiram criticamente a esta definição do problema da verdade. Interessa-nos sublinhar, rapidamente, o interesse de *On Truth* relativamente ao texto de "Facts and propositions". Enquanto texto inédito até à data da publicação deste volume, é óbvio que *On truth* não exerceu qualquer influência no debate em torno da